

Dois poetas, duas visões de mundo: Um estudo comparativo

Prof. Dr. Geralda Medeiros Nóbrega¹ (UEPB

...

Resumo:

Este estudo pretende trabalhar a poiesis de Manoel de Barros e Fernando Pessoa (Alberto Caieiro), para detectar como o poeta brasileiro e o poeta português representam a natureza e aquilo que ela engloba, como plantas, animais, campo, cidade, acidentes geográficos, entre outros. A Literatura Comparada, emergindo de uma tentativa de projetar os estudos literários de um contexto nacional para um contexto internacional, expande a análise. Usarei um procedimento ecocrítico que aclara os dados da análise comparativa, permeada pelos Estudos Culturais, a Interdisciplinaridade e a Semiótica, e um referencial teórico, baseado em autores como Garrard (2006), Bosi (2000), Guattari (2005), Santaella (2003), Williams (2011), Kaiser (1980), Dolezel (1990), entre outros, o que permitirá captar os efeitos da poiesis no meio ambiente e congêneres, vistos comparativamente.

Palavras-chave: natureza, literatura brasileira e portuguesa, visões de mundo, literatura comparada, meio ambiente.

1 Introdução

Este artigo, que tem a poesia como suporte do meio ambiente, possibilita trabalhar a poética de Manoel de Barros e Fernando Pessoa (Alberto Caieiro). Estes poetas tematizam a natureza, destacando o que os ecocríticos classificam como linguagem verde, que é também representação do mundo animal e mundo vegetal e da valorização da vida na terra, como meio ambiente, mundo vegetal, planta, água, natureza, terra, aves, entre outros.

A análise comparativa, referente ao meio ambiente e o que nele vige, assim como a interferência dos poetas, num imaginário poético, de onde conseguem haurir uma “visão de mundo” compatível com o seu estar no mundo vivenciam, através de uma *poiesis* em sintonia com uma semiose especializada, uma relação de intimidade com o tema desenvolvido.

Nestes poetas, como designar os seres com que eles convivem? São seres palavras que vigem como escrita e cada espaço entre palavras é uma máquina de fabricação de novas palavras e novos sentidos.

Alberto Caieiro, na nota prévia da obra *Poesia completa de Alberto Caieiro* (2005), edição Martins e Zenith, se presentifica através da indicação de uma entrevista na segunda parte desta obra, denominada Prosas. São as palavras do poeta que harmonizam com a Natureza: “Sou um homem que um dia ao abrir a janela, descobri esta coisa importantíssima: que a natureza existe. Verifiquei

que as árvores, os rios, as pedras são cousas que verdadeiramente existem. Nunca ninguém tinha pensado nisto”.

O poeta de O Guardador de rebanhos, assim como o poeta de O guardador de águas têm em comum, principalmente, este elã com a Natureza, que brota de uma afetividade genuína que pode ser vista como a cultura dos afetos. Na segunda orelha da obra *Menino do mato* (2010), Manoel de Barros, que diz ter uma visão oblíqua das coisas, assim se revela:

Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.

A análise comparativa utilizará de modo apropriado procedimentos como os Estudos Culturais, a Interdisciplinaridade e a Semiótica, colocando a Ecocrítica como referencial para captar os efeitos da *poiesis* no meio ambiente e congêneres. Trabalharei estes dados, envolvidos pela cultura com que os poetas convivem, num tempo e espaço específicos, imbuídos de uma “visão de mundo” desenvolvida através de uma arte que não se detém apenas no trabalho com a linguagem, mas se envolve com um tecido da vida que dá sentido à existência a partir do ponto de vista da “descrição cultural concreta”. Os poetas “não podem permitir ignorar a presença de estruturas textuais e de formas particulares de organização discursiva” (JOHNSON, 2000, p. 109) bem no âmbito dos Estudos Culturais, em que as linhas fronteiriças fincadas na velha Europa e cravados no pantanal de Mato Grosso do Sul validam o fazer poético, como está em Caeiro, quando evoca a terra:

Se eu pudesse trincar a terra toda
E sentir-lhe um paladar,
Seria mais feliz um momento

Ou Manoel de Barros, quando enaltece a terra:

Eu queria que minhas palavras de joelhos
no chão pudessem ouvir as origens da terra.

Não se pode negar um nexos filosófico entre os dois poetas. A análise pode “nos levar a um conhecimento mais preciso das relações estéticas e estas nos levarão a situar melhor, histórica e criticamente, os fenômenos literários” (CARVALHAL, 2010, p. 81).

Na sequência vemos as divergências naturais de visões de mundo. No poema XXVIII de O guardador de rebanhos, a *persona* diz que compreende a natureza por fora, mas não a compreende por dentro:

Porque a Natureza não tem dentro;
Senão não era a Natureza

Neste mesmo poema ainda se detecta:

É preciso não saber o que são flores e pedras e rios
Para falar dos sentimentos deles.
[...]
Graças a Deus que as pedras são só pedras,
E que os rios não são senão rios,
E que as flores são apenas flores.

No poema XV de O guardador de águas o eu lírico destaca a fusão da natureza com os bichos

que:

[...] Se encostavam no corpo da natureza para exercê-la. E se tornavam apêndices dela. Ou seres adoecidos da natureza [...].

O poeta se detém mais em seres vivos a quem os rios estão conectados:

[...] Enxergam borboletas apertando rios.
Escutam o luar comendo árvores [...].
[...] E vozes de rios e rãs em suas bocas.

Manoel de Barros, leitor de Fernando Pessoa, convive com o Pantanal de Mato Grosso do Sul e Pessoa, enquanto Caieiro, está em constante busca. Multiplicando-se para ser uno, promove uma fusão do Eu com o mundo, com o todo, vivenciada pela palavra poética, o que há tempo foi vinculado ao pensamento de Coelho (1986). De Manoel de Barros disse Cardim (1999, orelha do livro *Poemas concebidos sem pecado*): “Poesia assim é rara pela originalidade da invenção e pelo milagre da ressurreição do que foi vida e vivência”. Enfim, vestes poéticas de que se imbuíu todo seu espírito. Há nos dois poetas “o resgate de objetos culturais diferenciados [que] intervém na adição que busca totalizar, pela semelhança unificadora, os traços de identidade de uma cultura” (SOUZA, MIRANDA, 1997, p. 48).

Observa-se, no entanto, que neles há uma intersecção de muitos pontos de vista, o que provoca uma variação de sentido e associações estranhas que Lotman (1978, p. 451) caracteriza como sendo “a lei sintagmática do texto artístico”, o que significa dizer que construções artísticas semelhantes não nivelam o significado, o que possibilita identificar, no mesmo tema, um tratamento antagônico.

Se mergulharmos nos elementos presentes na natureza, nos deparamos com Garrard (2006, p. 29), quando assegura:

Os problemas ambientais requerem uma análise em termos culturais e científicos porque são o resultado da interação entre o conhecimento ecológico da natureza e sua inflexão cultural. Isto implicará estudos interdisciplinares que recorram às teorias literárias e culturais, à filosofia, à sociologia, à psicologia e à história ambiental, bem como à ecologia [...]. A ecocrítica possibilita uma análise crítica dos tropos que entram em jogo no debate ambientalista e, em caráter mais provisório, permite prever quais deles surtirão efeito desejado num público específico, numa dada conjuntura histórica.

Os poemas, pois, fixam-se em imagens ecológicas e/ou do meio ambiente, como em Manoel de Barros: “formigas de barranco”, “vivos de ermos”, “grotas”, “besouros nas folhagens”, “bichos de escamas”, “ovo de jacarua”, “raizame”, “via de calangos”, “anu branco”, “formigas sem calças”, “pardais descascam larvas”, “sapos batem palmas”, “as águas rãs” etc. E em Caieiro: “renques de árvores imóveis”, “asas de borboletas”, “frutas dos pomares”, “flores e aves e pedras”,

“os resgates e as árvores”, “mesmos verdes de sempre”, “cordeirinho”, “beira dos rios”, “campos”, “ovelhas”, “terra cheirosa”, “prados quentes”, “a planta é uma planta”, “novas folhas verdes”, “pastor do monte” etc. Estes vocábulos, colhidos aleatoriamente (apenas abria o livro e colhia-os na página aberta), apontam para “visões de mundo” em que o elemento cultural é o diferencial, permitindo a significância de dados contraditórios, na semiose estabelecida.

Nestes dois poetas, o mundo está integrado à literatura, mas de que modo? O mundo não está só, pois está conectado à natureza e, nesta, os seres se ajustam a ela quando, mundo e terra, imbricados, estão em conexão e se autodeterminam. E a partir disto, presumo, seguindo os passos de Carvalho (2003, p. 61): “Produzir ideias, concepção, modos de vida, hábitos de convivência, ou, numa palavra, produzir cultura, faz parte da natureza do homem”. Os poetas, imbuídos de uma percepção naturalista, recriam poeticamente a natureza e cruzam “as fronteiras econômicas, sociais e culturais” (GARRARD, 2006, p. 254) para se deterem na captação artística, em consonância com uma estética, que na sua abrangência, cria nexos de artisticidade veiculados pela linguagem.

“A poética da responsabilidade reconhece que toda visão da terra é uma visão nossa” (GARRARD, 2006, p. 250) o que interfere na visão do poeta e, em decorrência, no predomínio semiótico da articulação entre palavra e sentido, como se vê em Manoel de Barros:

A maneira de dar canto às palavras o menino
aprendeu com os passarinhos.

E Caeiro assim se manifesta:

Antes o voo da ave que passa e não deixa rasto
Que a passagem do animal, que fica lembrada no chão.
[...]
Passa, ave, passa e ensina-me a passar!

Caeiro dificilmente alardeia os passarinhos e Manoel de Barros é pródigo sob estes aspectos, como se patenteia no fragmento abaixo:

Dentro da mata no entardecer o canto dos
pássaros é sinfônico.

Caeiro prioriza as flores e as árvores:

Mas se Deus é as flores e as árvores
[...]
Então acredito nele.

Se transferirmos estes aspectos para um viés comparativo podemos dizer que a natureza engloba árvores, flores e pássaros, havendo, pois, um núcleo comum, uma vez que a natureza é representativa do tema. Há entre os dois poetas um foco intertextual, centrado na natureza, embora as brechas culturais e mesmo sociais sejam as marcas identitárias de um e outro poeta. Nada, no

entanto, é conclusivo. Machado e Pageaux (1988, p. 193) induzem que: “O investigador literário nunca deverá esquecer-se de que a literatura não é apenas o que se escreve, é também o que se pensa e o que se vive”.

Ainda em relação ao tema da natureza, Manoel de Barros filtra o imaginário e o desdobra em nexos vivificadores de desvelamento de outros elementos associados à natureza. Caieiro, trilhando outros caminhos, conduz as dobras dos elementos presentes na Natureza, em rizomas esparsos no texto.

Barros destaca:

Eu sou o medo da lucidez
Choveu na palavra onde eu estava.
Eu vi a natureza como quem a veste.
Eu me fechava com espumas.
Formigas vesúvias dormiam por baixo de trampas.
Peguei umas ideias com as mãos – como a peixes.

Caieiro viabiliza a praticidade do que a Natureza contém:

No meu prato que mistura da Natureza!
As minhas irmãs as plantas,
As companheiras das fontes, as santas
A quem ninguém reza...

Mota (2009, p. 102) destaca que “o valor do meio ambiente é sistêmico”, o que está na dependência da visão de mundo dos dois poetas, como está em Caieiro:

A planta, se falasse, podia dizer-me: e o teu perfume?
Podia dizer-me: tu tens consciência porque ter consciência é uma
[qualidade humana
E eu não tenho consciência porque sou flor, não sou homem.
Tenho perfume e tu não tens, porque sou flor...

E em Manoel de Barros:

Esta luz empoçada em avencas.
As avencas são cegas.
Nenhuma flor protege o silencia quanto elas.
Ó a luz da manhã empoçada em avencas.

Nestes exemplos nos deparamos com um processo de animismo que na perspectiva ecocrítica desenvolve a “crença em que os objetos e os fenômenos naturais são dotados de alma” (GARRARD, 2006). Mas também estamos em contato com um espaço humanizado e a geografia pode suscitar no seu cerne a relação homem-natureza. Em Caieiro, uma espécie de diálogo e em Manoel de Barros, uma descrição filosófica. E estes fragmentos de poemas na ótica do semiótico Lotman (1978, p. 461), não há automatização artística, mas “dois fenômenos de identidade

recíproca” que ele caracteriza, ou melhor, define como estética da identidade.

Trabalhar estes dois poetas com a amostra da natureza, com tudo aquilo que está a ela relacionada, é um recurso que prescreve, nas entrelinhas, como evitar a sua degradação, uma vez que a natureza ultrapassa todas as nossas expectativas. Merleau-Ponty (2006, p. 193-4), associando a Natureza à percepção, assim a elucida:

A Natureza é sempre nova a cada percepção mas nunca é sem passado. A Natureza é algo que se continua, que nunca é apreendida em seu começo, ainda que nos aparecendo sempre nova.

Os poetas têm consciência desta mutação da natureza, razão porque a semiose que a acoberta conduz o signo por caminhos diversificados. Daí perguntar-se: Qual a contribuição dos poetas, no espaço de seus poemas, além da perspectiva estética?

Caeiro é mais pródigo em discurso sobre a natureza e, entre outras revelações, assim se posiciona:

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos
Se falo na natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso.

Manoel de Barros faz a fusão da natureza com os bichos, num nível de poeticidade elaborada:

A partir da fusão com a natureza esses bichos se
tornaram eróticos. Se encostavam no corpo da natureza
para exercê-la. E se tornaram apêndices dela.

Como pôr tudo isto num enfoque comparativo? Masina (2000) lembra que a literatura comparada precisa ampliar seus limites de indagação. Fala do ressurgimento dos Estudos Culturais, associando-os à interdisciplinaridade e destaca a necessidade de transformação de articulações com a crítica, a teoria da literatura e a historiografia literária.

Dito isto, situo subtemas como mundo, universo, árvores, flores, rios, animais e outros, para um confronto entre os dois poetas. Início por Manoel de Barros:

Chove torto no vão das árvores
Chove nos pássaros e nas pedras:
O rio ficou de pé e me olha pelos vidros.

Na sequência apresento Caeiro:

Flor, colheu-me o meu destino para os olhos.
Árvore, arrancaram-me os frutos para as bocas.
Rio, o destino da minha água era não ficar em mim.

Boff (2000, p. 46) lembra que “A relação do ser humano – natureza e dialética, quer dizer, ambos se encontram indissolivelmente intrincados um no outro, de tal forma que o destino de um se transforma no destino do outro”.

Os poetas, Caeiro e Manoel de Barros, estão neste parâmetro e, por isto, o fazer poético de cada um integra o ser humano-natureza, como as amostras dos fragmentos o comprovam.

Terra e universo se nivelam em Caeiro:

De minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer.

Manoel de Barros se vincula a aspectos mais restritos:

por meio de ser árvore podia adivinhar se a terra
era fêmea e dava sapos
via o mundo como a pequena rã vê a manhã de
dentro de uma pedra

Caeiro se volta para o mundo vegetal, quase sempre, enquanto Manoel de Barros enfatiza mais o mundo animal.

Caeiro:

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Manoel de Barros:

O chão pare a árvore
pare o passarinho
pare a
rã – o chão
pare com a rã
o chão pare de rãs
e de passarinhos.

Pode-se observar nestes exemplos um processo de enraizamento, de pertença. O eu lírico, em cada poeta, passa por um andamento de subjetivação. São experiências diversas e vivências diferenciadas, em espaços circunscritos. Sítio Souza, Miranda (1997, p. 42) que se posicionam frente à literatura comparada: “uma das atitudes mais comuns tem sido a conjugação de culturas nacionais e estrangeiras – abstraindo-se a concepção estreita de saberes regionalmente marcados e a produção teórica indicadora do efeito desconstrutor das relações interculturais”, o que resulta num tipo de reconstrução em novas bases, especialmente a base cultural, como se pode detectar em Manoel de Barros:

Nossos sobrados enfrentam.
Aqui nenhuma espécie de árvore se nega ao gorjeio
dos pássaros.
Agora o rio Paraguai está banhado de Sol.
Lentamente vão descendo as garças para as margens
do rio.
As águas estão esticadas de rãs até os joelhos.

Ou se detecta em Caeiro:

Mas as flores, se sentissem, não eram flores.
Eram gente;
E se as pedras tivessem alma, eram cousas vivas, não eram pedras;
E se os rios tivessem êxtases ao luar,
Os rios seriam homens doentes.

Manoel de Barros diz ter comunhão com as coisas e nos faz conhecer o Pantanal de Mato Grosso do Sul e nos deparar com a natureza transfeita em poesia. Caeiro se volta para a natureza e o que nela está contido e informa: “Porque só sou coisa séria, um intérprete da Natureza”. E assim encerro o texto, lembrando ainda que estou nos prolegômenos deste estudo, pois a pesquisa está em fase inicial.

Referências Bibliográficas

- BARROS, M. **Gramática expositiva do chão**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- _____. **O guardador de águas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- _____. **Concerto a céu aberto para solos de ave**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. **Livro de pré-coisas: roteiro para uma excursão poética no Pantanal**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- _____. **Poemas concebidos sem pecado**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- _____. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. **Compêndio para uso dos pássaros**. 2. ed. São Paulo: Leya, 2010.
- _____. **Menino do mato**. São Paulo: Leya, 2010.
- PESSOA, F. **Poesia completa de Alberto Caeiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. **Obra poética**: volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

1. Obras consultadas

- BOFF, L. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Brasília: Letra Viva, 2000.
- CARDIM, I. “Nasce um poeta”. In: Orelha da obra **Poemas concebidos sem pecado**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- CARVALHAL, T. F. “A literatura comparada no mundo”. In: _____ (org.). **Literatura comparada no mundo**: questões e métodos. Literatura comparada en el mundo: cuestiones y métodos. Porto Alegre: LP&M/VITAE/AILC, 1997, p. 7-12.
- CARVALHO, M. **O que é natureza**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- COELHO, N. N. “Fernando Pessoa, a dialética de ser-em-poesia”. In: PESSOA, F. **Obra poética**: volume único. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1986.

- GARRARD, G. **Ecocrítica**. Brasília: Ed. da UNB, 2006.
- JOHNSON, R., ESCOSTEGUY, A. C., SCHULMAN, N. **O que é, afinal, estudos culturais**. 2. ed. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LOTMAN, I. **A estrutura do texto artístico**. Lisboa: Estampa, 1978.
- MACHADO, A. M., PAGEAUX, D. **Da literatura comparada à teoria da literatura**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- MASINA, L. “Literatura comparada e crítica literária”. In: BONIATTI, I. M. B. **Literatura comparada: memória e região**. Caxias do Sul: EDUSC, 2000.
- MERLEAU-PONTY, M. **A natureza**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MOTA, J. A. **O valor da natureza: economia e política dos recursos naturais**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- SOUZA, E. M., MIRANDA, W. M. “Perspectiva da literatura comparada no Brasil”. In: **Literatura comparada no Brasil**. Porto Alegre: LP&M, 1997.

iAutor

Geralda Medeiros NÓBREGA, (Profª. Dra.)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade
geraldamnobrega@hotmail.com